

## O SER HUMANO, UM SER SOCIAL

**Luciano José Dias**, Doutorando em Teologia pela PUC-SP, Mestre em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Pós-gradado em práticas pedagógicas de ensino religioso e cultura judaico-cristã pelo Centro cristão de estudos judaicos em parceria com a Faculdade Assunção. Bacharel em Teologia pela Faculdade Metodista de São Paulo. Membro do Grupo de Pesquisa TIAT e bolsista CAPES.\*

### RESUMO

Ao longo das eras, de diversas formas e através de diversas ciências, tem-se dirigido estudos que analisam o ser humano tanto em sua individualidade, como em sua capacidade de socialização. A conclusão desses estudos, apontam que o ser humano, possui uma natureza sociável, e uma inerente necessidade de interação e conexão com seus semelhantes. Desde os tempos primordiais, temos vivido em grupos, formando comunidades para compartilhar recursos, garantir proteção mútua e satisfazer necessidades emocionais e físicas. A habilidade de comunicar, cooperar e colaborar é essencial para nosso desenvolvimento e sobrevivência como espécie. Além disso, as relações sociais desempenham um papel vital no desenvolvimento emocional, cognitivo e psicológico, moldando nossas crenças, valores e comportamentos. Um movimento contrário a esse, pode ser observado no crescente individualismo que tem sido experimentado pela sociedade em nossos dias. Isso nos leva a perceber a importância crucial de estabelecer conexões sem perder de vista nossas características individuais. Equilibrar essa dicotomia é essencial para uma jornada individualizada dentro de um contexto coletivista.

**Palavras-chave:** O homem, Ser social, fraternidade.

### ABSTRACT

Throughout the ages, in various forms and through various sciences, studies have been conducted that analyse human being both in their individuality and in their capacity for socialization. The conclusion of these studies points to the fact that human beings possess a sociable nature and an inherent need for interaction and connection with their peers. Since ancient times, we have lived in groups, forming communities to share resources, ensure mutual protection, and satisfy emotional and physical needs. The ability to communicate, cooperate, and collaborate is essential for our development

---

\* E-mail: [lucianojdias@gmail.com](mailto:lucianojdias@gmail.com)

and survival as a species. Additionally, social relationships play a vital role in emotional, cognitive, and psychological development, shaping our beliefs, values, and behaviors. A countermovement to this can be observed in the growing individualism experienced by society in our days. This leads us to perceive the crucial importance of establishing connections without losing sight of our characteristics. Balancing this dichotomy is essential for an individualized journey within a collectivist context.

**Keywords:** Man, social being, fraternity.

## Introdução

O estudo do ser humano é uma área multidisciplinar que é abordada por diversas áreas do conhecimento, tais como: *Psicologia; Antropologia; Sociologia; Neurociência; Filosofia; Biologia; Educação; Economia*, entre outras, que se dedicam a estudar o ser humano em suas múltiplas dimensões (MIRANDA, 1993, 53-54). Cada uma delas oferece perspectivas únicas e complementares para compreender a complexidade da experiência humana.

A psicologia é a ciência que estuda o comportamento humano e os processos mentais, incluindo cognição, emoção, percepção, desenvolvimento humano, personalidade, saúde mental e psicopatologia (ESCOLA, Brasil, 2024).

A antropologia é a disciplina que estuda o ser humano em sua totalidade, abrangendo aspectos biológicos, sociais, culturais e evolutivos. Ela investiga a diversidade cultural, os sistemas de parentesco, as práticas religiosas, a linguagem, entre outros aspectos da experiência humana (PORFÍRIO, 2024).

A sociologia é a ciência que estuda a sociedade humana, incluindo suas estruturas, instituições, interações sociais, mudança social, desigualdade, cultura e processos de socialização (PORFÍRIO, 2024).

A neurociência é a área que estuda o sistema nervoso, incluindo o cérebro, a medula espinhal e os nervos, bem como os processos neurais subjacentes ao comportamento, cognição, emoção e função fisiológica (SZIDLOVSKI, 2023).

A filosofia investiga questões fundamentais relacionadas à natureza humana, como a mente-corpo, liberdade e determinismo, ética, moralidade, existência, conhecimento e propósito da vida (SANTOS, 2024).

A biologia estuda os aspectos biológicos do ser humano, incluindo sua anatomia, fisiologia, genética, desenvolvimento e evolução, bem como questões relacionadas à saúde e doença (SANTOS, 2024).

A educação examina o processo de aprendizagem e

desenvolvimento humano ao longo da vida, incluindo métodos de ensino, teorias de aprendizagem, desenvolvimento cognitivo e social, e questões relacionadas ao sistema educacional (SOUSA, 2024).

A economia estuda o comportamento humano relacionado à produção, distribuição e consumo de bens e serviços, bem como questões de trabalho, desigualdade econômica e desenvolvimento humano (GUITARRARA, 2024).

Como evidenciamos, a amplitude, extensão e complexidade das diversas abordagens para estudar o ser humano são tão numerosas quanto fascinantes, refletindo a riqueza e a diversidade da experiência humana em suas múltiplas dimensões. Portanto, neste artigo, não buscamos esgotar a temática, mas sim contribuir para a reflexão sobre a capacidade humana de se agrupar, conviver, socializar e compartilhar a vida.

## **Um ser social**

Auguste Comte, conhecido como o pai da sociologia, explorou profundamente o conceito de que o ser humano é um ser social em sua teoria sociológica. Nascido em Montpellier, França, em 1798, é conhecido por popularizar o positivismo, uma abordagem filosófica que enfatiza a importância do método científico e a crença de que o conhecimento deve ser baseado em fatos observáveis. Ele desenvolveu sua filosofia positivista em obras como “Curso de Filosofia Positiva” (1830-1842).

Comte via os seres humanos como seres inerentemente sociais, cujo comportamento e desenvolvimento são moldados por suas interações dentro da sociedade. Ele argumentava que a natureza social do ser humano é essencial para compreender não apenas os aspectos individuais da vida humana, mas também a estrutura e o funcionamento da sociedade como um todo. Para Comte, a sociedade era um organismo complexo, composto por indivíduos interconectados que compartilham valores, normas, instituições e práticas culturais. Ele enfatizava a importância das relações sociais na formação da identidade individual e na manutenção da coesão social.

Além disso, Comte via a sociabilidade humana como um impulso fundamental para o progresso social e intelectual. Ele acreditava que os seres humanos são naturalmente inclinados a se unirem em comunidades e a colaborar uns com os outros para alcançar objetivos comuns. Assim, através de suas análises sociológicas e filosóficas, Auguste Comte contribuiu significativamente para a compreensão do ser humano como um ser social, destacando a importância das relações interpessoais, da solidariedade e da cooperação na vida humana e no funcionamento da sociedade. O trabalho de Comte teve um impacto duradouro no

pensamento social e científico. Seu positivismo influenciou não apenas a sociologia, mas também disciplinas como psicologia, antropologia e ciência política (PORFÍRIO, 2024). Mas Comte não foi o único a pensar o Ser humano nessa ótica, antes dele, Aristóteles já havia desenvolvido pensamento semelhante.

## **Animal político**

Aristóteles, um dos mais proeminentes filósofos da Grécia Antiga, também abordou o tema do ser humano como um ser social em suas obras. Em sua obra “Política”, Aristóteles discute a natureza da sociedade e do Estado. Ele argumenta que os seres humanos são naturalmente políticos, ou seja, têm uma tendência inerente de viver em comunidades organizadas. Aristóteles acreditava que a polis (cidade-Estado) era a forma mais elevada de comunidade política, onde os indivíduos poderiam realizar seu potencial moral e intelectual. Ele enfatizava a importância da vida em sociedade para o florescimento humano e a busca pela felicidade (RAMOS, 2014, p. 64).

Em sua “Ética a Nicômaco”, Aristóteles explora a natureza da ética e da virtude. Ele argumenta que as virtudes morais são adquiridas através do hábito e da prática, e que muitas delas têm uma dimensão social. Por exemplo, a virtude da justiça está relacionada à forma como interagimos e tratamos os outros membros da comunidade. Aristóteles também discute a importância da amizade (philia) como uma das virtudes mais importantes para o bem-estar humano, destacando a conexão fundamental entre os seres humanos.

No livro IX da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles começa fazendo um elogio à amizade e a vida comunitária. O filósofo parte do pressuposto que todos nós precisamos viver em sociedade e logo desemboca na seguinte conclusão:

Não menos estranho seria fazer do homem feliz um solitário, pois ninguém escolheria a posse do mundo inteiro sob a condição de viver só, já que *o homem é um ser político e está em sua natureza o viver em sociedade*. Por isso, mesmo o homem bom viverá em companhia de outros, visto possuir ele as coisas que são boas por natureza (Aristóteles, 1973, IX, 9, 1169 b 18/20).

Segundo o pensador, a partilha social é essencial para espécie humana, e *a felicidade está intimamente ligada à convivência* com os outros homens. Sociedade e homem mantêm, portanto, relações indissociáveis: o homem precisa da sociedade e a sociedade precisa do homem. A concepção de que o homem é um animal político em Aristóteles possui duas acepções. Na primeira delas podemos interpretar que, para o

pensador, ao dizer que o homem é um animal político significa que somos seres que *precisamos de uma coletividade*, da vida comunitária, de uma vida partilhada na *polis* (RAMOS, 2014, p. 65). No entanto, outras espécies também dependem dessa organização social para sobreviverem, como é o caso das formigas. Por outro lado, ao afirmar que o homem é um animal político, Aristóteles também levanta a tese de que o ser humano é *o único ser com capacidades discursivas*.

Dono da palavra (*logos*), o homem é capaz de, através de uma linguagem complexa, transmitir aos outros homens aquilo que pensa para alcançarem objetivos comuns. Segundo o filósofo:

A razão pela qual o homem é um animal político em grau mais elevado do que as abelhas ou qualquer outro animal, é clara: a natureza, como dissemos, não faz nada em vão, e *o homem é o único animal que tem palavra* (*logos*); — a voz (*fone*) expressa a dor e o prazer, e os animais também possuem, já que sua natureza vai até aí — a possibilidade de sentir dor e o prazer e expressá-los entre si. A palavra, porém, está destinada a manifestar o útil e o nocivo e, em consequência, o justo e o injusto. E esta é a característica do homem diante dos demais animais: — possuir, só ele, o sentido do bem e do mal, do justo e do injusto, etc. É a comunidade dessas coisas que faz a família e a cidade. (Aristóteles, 1982, I, 2, 1253 a, 7-12).

Ele também afirma que, a amizade é o vínculo social por excelência, que mantém a unidade entre os cidadãos de uma mesma cidade, ou entre companheiros de um grupo, ou entre os membros de uma empresa. (Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, livro IX, cap. 9, 1170b, 6-7). Para ele a amizade social é uma virtude capaz de aperfeiçoar a natureza humana, posto que “no amigo encontramos um ‘outro eu’ que nos proporciona algo que nós mesmos sozinhos não podemos alcançar e sem ele não é possível dar início ao processo de humanização, uma vez que reconhece o outro como mediador, como aquele que me permite abrir para a alteridade (AVIZ, 2017, p. 28).

Para Aristóteles, a amizade verdadeira não é provocada por uma paixão, mas motivada por um ato de eleição, ou seja, uma escolha da vontade que se segue à deliberação da inteligência. Esta amizade é caracterizada pela sinceridade, pela fidelidade e pelo desinteresse, é oposta ao egoísmo, ao orgulho e à adulação. Amizade é amar o outro por si mesmo, por aquilo que ele é e não por aquilo que ele me pode oferecer. Para Aristóteles, só a amizade civil possibilita a vida virtuosa que frutifica na amizade perfeita. Por isso, na *Ética a Eudemo*, ele afirma que “a política deve ter por objetivo fomentar a amizade virtuosa (Aristóteles, *Ética a*

Eudemo, livro VII, 123b, 22-23).

Aristóteles tratou o tema do ser humano como um ser social ao argumentar que os indivíduos são naturalmente políticos e que a vida em sociedade é essencial para o florescimento humano e a busca pela virtude e felicidade. Ele enfatizou a importância da comunidade política e da amizade como elementos fundamentais na vida humana.

## **O indivíduo**

Aristóteles define o indivíduo como uma entidade substancial e autônoma, dotada de uma natureza própria e distintiva. Ele enfatiza a importância da forma, que é a essência ou natureza específica de cada coisa, na definição do indivíduo. Segundo Aristóteles, cada indivíduo pertence a uma espécie particular, mas possui suas próprias características individuais que o distinguem dos outros membros da mesma espécie. Além disso, para Aristóteles, o indivíduo é uma realidade concreta e singular, que existe de forma independente e é dotado de potencialidades próprias que podem ser desenvolvidas ao longo da vida (RAMOS, 2014, p. 74-75).

Ao nascer, cada indivíduo encontra-se imerso em um contexto social estabelecido ao longo de gerações, sendo assimilado por meio de interações sociais (STREY, 2002, p. 59). Desde os seus primórdios, o ser humano é concebido como um ser intrinsecamente ligado a relações sociais, absorvendo normas e valores presentes na família, entre seus pares e na sociedade em geral. Nesse sentido, a formação da personalidade humana, é resultado de um processo de socialização que envolve tanto fatores inatos quanto adquiridos. Os fatores inatos referem-se à herança genética recebida dos familiares, enquanto os fatores adquiridos derivam do ambiente social e cultural (SAVOIA, 1989, p. 54).

O ser humano, por sua natureza, é um ser que depende da interação com outros para receber afeto, cuidados e até mesmo para sua própria sobrevivência. Essa dependência da interação social é intrínseca à nossa condição, já que ouvir, tocar, sentir e ver o outro são elementos essenciais da nossa natureza social. A necessidade de relacionamento humano abrange uma variedade de motivos, desde a comunicação até a aprendizagem e o ensino, passando pelo desejo de expressar amor ao próximo e de demandar melhores condições de vida. Além disso, a interação com os outros permite ao ser humano melhorar seu ambiente externo e expressar suas vontades e desejos de forma mais plena. A vida do indivíduo, é construída através de sua participação em diversos grupos (familiares, de vizinho, de amigos, de trabalho) nos quais interagimos e crescemos. Os mais diversos grupos sociais influenciam na vida do indivíduo.

O indivíduo possui uma compreensão clara das características que o distinguem dos outros, incluindo seus atributos biológicos, sua constituição física, seus traços distintivos e sua psique, que abarca emoções, sentimentos, vontades, assim, como seu temperamento. No entanto, ao ser objeto de estudo tanto na psicologia social quanto na sociologia, o indivíduo é abordado de acordo com a perspectiva delineada por (RAMOS, 2003, p. 238), que se apresenta da seguinte forma:

Indivíduo dentro dos seus padrões sociais, vive em sociedade, como membro do grupo, como “pessoa”, como “socius”. A própria consciência da sua individualidade, ele a adquire como membro do grupo social, visto que é determinada pelas relações entre o “eu” e os “outros”, entre o grupo interno e o grupo externo.

Ao investigarmos o indivíduo, observamos como ele estrutura seus pensamentos e comportamentos. Dessa forma, concluímos que essa construção e organização são moldadas pelo contato com os outros. Daí a importância de estudar não apenas o indivíduo como entidade social, mas também sua influência pelos padrões culturais dentro da sociedade em que está inserido, uma vez que a cultura estabelece normas específicas. Portanto, para uma compreensão abrangente do indivíduo e da sociedade, é essencial compreender a cultura à qual pertencemos.

## **Fratelli Tutti**

Na encíclica “*Fratelli Tutti*”, escrita pelo Papa Francisco e publicada em outubro de 2020, é abordada a temática da fraternidade de forma abrangente, explorando diversos aspectos relacionados às relações humanas e à construção de uma sociedade mais justa e solidária. Temas como *Fraternidade e Amizade Social; Exclusão e Desigualdade; Diálogo e Encontro Inter-religioso e Intercultural; Responsabilidade Social e Política; Cuidado com o Meio Ambiente* estão presentes e Papa Francisco apresenta o seu projeto de fraternidade, baseado na amizade social e no amor político, tendo o diálogo como caminho necessário para a cultura do encontro (FT, n. 5).

Para o Papa Francisco, a amizade social é um conceito que aborda a qualidade e a profundidade dos laços sociais entre as pessoas, transcendendo as diferenças e promovendo a solidariedade, o respeito mútuo e o cuidado pelos outros. Na encíclica “*Fratelli Tutti*”, o Papa Francisco explica que a amizade social é uma expressão da fraternidade que deve orientar as relações humanas em todos os níveis da sociedade. A amizade social implica em um compromisso ativo em promover o bem-estar dos outros, especialmente dos mais vulneráveis e marginalizados. Ela envolve a disposição de se colocar no lugar do outro, de compartilhar

alegrias e tristezas, e de trabalhar em conjunto para superar desafios e construir um mundo mais justo e solidário (FT, n. 97).

Além disso, a amizade social requer a prática do diálogo e do encontro entre diferentes culturas, religiões e tradições, como forma de promover a compreensão mútua e a construção da paz. Ela exige a superação de preconceitos e estereótipos, e o estabelecimento de relações de confiança e cooperação entre os diversos membros da família humana (FT, n. 59).

## **A Cultura**

Se entendermos que a essência humana se forma através da comunicação, então a vida humana se desenrola como uma teia de conversas ou, em um sentido mais abrangente, na interseção de diversas redes de comunicação. Essas várias redes de comunicação formam o que reconhecemos como diferentes culturas. Seguindo essa perspectiva e linha de argumentação, se um grupo humano mantiver consistentemente ao longo do tempo uma rede de comunicação, estaremos diante de uma cultura. Como a comunicação envolve tanto o uso da linguagem quanto a expressão emocional, as emoções devem ser incluídas na definição de cultura. Assim:

Uma cultura é uma rede de conversações que define um modo de viver, um modo de estar orientado no existir, um modo de crescer no atuar e no emocionar. Cresce-se numa cultura vivendo nela como um tipo particular de ser humano na rede de conversações que a define. (Maturana, 1997, p. 177).

Humberto Maturana, em sua obra “A Ontologia da Realidade”, apresenta uma abordagem que destaca a importância da linguagem na construção da realidade e da cultura. Ele argumenta que os seres humanos vivem em um mundo que é socialmente construído por meio da linguagem e das interações sociais. Maturana enfatiza que a linguagem não é apenas um meio de comunicação, mas também um sistema complexo que molda nossas percepções, entendimentos e ações. Embora ele não forneça uma definição explícita de cultura nesse contexto, suas ideias sobre a natureza da linguagem e da comunicação estão intrinsecamente ligadas ao entendimento da cultura como um fenômeno comunicativo e socialmente construído. Ele sugere que a cultura emerge da interação entre os indivíduos e é transmitida através da linguagem e dos padrões de comportamento social.

De fato, o indivíduo, como entidade singular e inserida numa dinâmica social, evolui em um ambiente multicultural, onde uma diversidade

de regras, padrões, crenças, valores e identidades é evidente. Nesse sentido, a cultura se configura como um processo de “intercâmbio” constante entre os indivíduos, grupos e sociedades.

Quando o indivíduo começa a utilizar a linguagem, ele se envolve em um processo cultural no qual, por meio de símbolos, ele reproduz o contexto cultural em que está imerso. Strey destaca que o indivíduo não só contribui para a criação, mas também para a preservação da cultura presente na sociedade. Cada sociedade humana possui sua própria cultura, que se manifesta e é reconhecida através do comportamento dos indivíduos (STREY, 2002, p. 58). Conforme apontado por ele, “o homem é também um animal, mas um animal que se distingue dos demais por sua natureza cultural”. Para o autor, cultura engloba os hábitos, normas sociais, intuições e tipos de interação interpessoal de um grupo específico, adquiridos no contexto das atividades coletivas.

Portanto, é imperativo entender que a cultura não deve ser vista como algo isolado, mas sim como um conjunto integrado de características comportamentais adquiridas. Essas características são expressas pelos indivíduos de uma sociedade e compartilhadas por todos eles. Nesse sentido, a cultura abrange o modo de vida completo de um grupo humano, incluindo seus elementos naturais, não naturais e ideológicos. Conforme salientado por (RAMOS, 2003, p. 265), “as culturas permeiam o indivíduo [...] assim como as instituições sociais moldam estruturas psicológicas [...], o ser humano pensa e age dentro do contexto cultural que o envolve”.

A partir dessas premissas, é crucial reconhecer o papel ativo do indivíduo dentro do contexto cultural. Ele possui a liberdade de tomar decisões e interpretar informações de novas maneiras. Por meio de um processo criativo e colaborativo, o indivíduo contribui para a construção contínua e contextualizada da cultura em que está inserido. Ele participa ativamente na definição e adaptação das normas culturais por meio de interações coletivas, ao mesmo tempo em que é influenciado por elas. Podemos entender a cultura como uma herança social, transmitida através do ensino de geração em geração.

Assim sendo, é fundamental adquirir compreensão da realidade cultural de um indivíduo para entender suas práticas, costumes e concepções, bem como as mudanças que ocorrem ao longo de sua vida. É nesse contexto sociocultural que o processo de socialização do indivíduo se desenrola. Sua personalidade, atitudes e opiniões são moldadas pelas interações socioculturais, nas quais ele exerce controle e planejamento sobre suas próprias atividades, essas interações, começam a serem experimentadas no seio da família (SAVOIA, 1989, p. 54).

Ao nascer, o ser humano estabelece seu primeiro contato com a

família, inicialmente com a mãe, que proporciona cuidados físicos e afetivos, e simultaneamente com o pai e os irmãos, que transmitem atitudes, crenças e valores que moldarão seu desenvolvimento psicossocial. Em um segundo momento, a interferência da escola se faz presente. Nessa fase, o indivíduo muitas vezes já carrega consigo referências de comportamento e orientação pessoal básica, adquiridas através do contato inicial com a família (SAVOIA, 1989).

Os meios de comunicação em massa são reconhecidos como agentes socializadores, especialmente diante das inovações tecnológicas na atualidade histórica. No entanto, nem sempre têm consciência do impacto que exercem no processo de socialização e na formação da personalidade do indivíduo. Enquanto na família e na escola há uma relação didática, na televisão a comunicação é direta e impessoal (SAVOIA, 1989, p. 57).

Segundo o Papa Francisco, a amizade social é um elemento crucial na construção de uma sociedade mais fraterna e solidária, fundamentada no amor, no respeito e no cuidado recíproco. Ela representa uma expressão tangível da fraternidade, que nos convoca a viver em comunhão e harmonia com os outros, sempre em busca do bem comum e da promoção da dignidade de cada indivíduo. A amizade social, portanto, encarna o amor presente nas relações sociais; é o amor que fundamenta a interação entre pessoas e povos; é o amor transformado em cultura. E esse amor nos impulsiona em direção à comunhão universal. Ninguém amadurece ou alcança plenitude isoladamente. O amor, por sua própria natureza, demanda uma abertura progressiva e uma maior capacidade de acolhimento aos outros, em uma jornada sem fim que une todas as periferias em um profundo sentido de pertencimento mútuo. Como Jesus nos ensina em Mateus 23,8, “todos somos irmãos” (FT, n. 95).

## **Contexto religioso**

No contexto religioso, a compreensão do homem como um ser sociável pode ser explorada através de diversas perspectivas teológicas e filosóficas. Muitas tradições religiosas enfatizam a importância das relações interpessoais e comunitárias como parte integrante da vida espiritual e moral. Ensina-se que os seres humanos estão interligados uns aos outros e à divindade. Isso promove a ideia de que as ações individuais têm impacto não apenas em si mesmas, mas também na comunidade e no mundo como um todo (ELIADE, 1992, p. 14).

Essas tradições religiosas, valorizam a solidariedade e o apoio mútuo entre os membros da comunidade. Isso se manifesta em práticas como caridade, serviço comunitário e compartilhamento de recursos, demonstrando um apreço por princípios éticos que guiam as interações

sociais e promovem a justiça, a compaixão e o respeito mútuo, ajudando a moldar o comportamento dos indivíduos em relação aos outros membros da sociedade. No campo religioso, portanto, a compreensão do homem como um ser sociável está intimamente ligada à ideia de comunidade, solidariedade, comunhão e responsabilidade mútua, todos fundamentados em princípios éticos e espirituais (ELIADE, 1992, p. 33).

O evangelista Mateus, no capítulo 23, versículo 8, nos lembra que somos todos irmãos, – “Quanto a vós, não permitais que vos chamem ‘Rabi’, pois um só é o vosso Mestre e todos vós sois irmãos,” (Bíblia de Jerusalém) – ressalta a igualdade e a fraternidade entre os seres humanos, independentemente de suas diferenças individuais. Essa mensagem está intimamente ligada à necessidade humana de se relacionar, pois reconhece que os laços de fraternidade e união são essenciais para a realização plena da humanidade.

Ao entender que somos todos irmãos, somos chamados a cultivar relações baseadas no amor, no respeito mútuo e na solidariedade. Esses vínculos de fraternidade não apenas satisfazem uma necessidade humana fundamental de conexão e pertencimento, mas também promovem a construção de comunidades mais justas e harmoniosas. A passagem Bíblica de Mateus 23,8 indica a necessidade humana de se relacionar e ressalta a importância de reconhecermos nossa interconexão como seres humanos e de cultivarmos relações significativas e enriquecedoras com os outros, em um espírito de igualdade, compaixão e cooperação (FT, n. 95).

### **Fraternidade e amizade social (CF 2024)**

A Campanha da Fraternidade, ao longo de seus 60 anos de existência, enfatiza a importância da fraternidade como uma expressão de comunhão e solidariedade entre os seres humanos. Isso ressoa com a ideia de que o homem é inerentemente sociável e que as relações interpessoais são essenciais para a realização plena da humanidade. Muitas edições da Campanha da Fraternidade focam em questões de justiça social e dignidade humana, destacando a responsabilidade mútua que os seres humanos têm uns com os outros e também com a natureza criada. Isso está alinhado com a compreensão do homem como um ser sociável, cujo bem-estar está ligado ao bem-estar da comunidade como um todo. A Campanha da Fraternidade frequentemente incentiva a ação comunitária e o engajamento cívico como formas de promover a fraternidade e enfrentar desafios sociais. Isso reflete a noção de que os seres humanos são chamados a trabalhar juntos em prol do bem comum, reconhecendo sua interdependência e responsabilidade uns com os outros.

Em 2024, a CF nos apresenta o tema “Fraternidade e amizade social”, mostrando que a amizade, sentimento fiel de estima entre as

peçoas, é um dom de Deus, um fenômeno humano universal, que nasce da livre oferta de si mesmo para abrir-se ao mistério do outro. Afirma a CF que, a amizade é um caminho de humanização e de renovação das relações fraternas, que nos permite existir e viver com a responsabilidade e o compromisso de transformar a própria vida e a vida do outro (CF 2024 - Texto-Base, p. 18).

A amizade é um dos aspectos mais fundamentais e significativos da experiência humana. Ela vai além de simplesmente ter conhecidos ou colegas; é um vínculo emocional profundo que se desenvolve entre pessoas que compartilham interesses, valores, experiências e apoio mútuo. A amizade é caracterizada por uma conexão genuína, confiança, respeito, empatia e reciprocidade.

Uma amizade verdadeira é uma fonte de conforto, apoio e alegria. Os amigos estão lá nos bons e maus momentos, oferecendo suporte emocional, encorajamento e compreensão. Eles celebram nossas vitórias e nos ajudam a superar desafios. Além disso, os amigos desempenham um papel importante em nossa saúde mental, fornecendo um espaço seguro para compartilhar nossos pensamentos, preocupações e emoções mais íntimas.

A amizade também desempenha um papel vital no desenvolvimento pessoal. Através das interações com os amigos, aprendemos mais sobre nós mesmos, nossas habilidades sociais e nossa capacidade de nutrir relacionamentos significativos. Os amigos nos desafiam a crescer, nos incentivam a alcançar nossos objetivos e nos ajudam a nos tornarmos versões melhores de nós mesmos.

Além disso, a amizade transcende barreiras sociais, culturais e geográficas, conectando pessoas de diferentes origens e estilos de vida. Ela promove a compreensão, a tolerância e a aceitação da diversidade, fortalecendo os laços humanos e construindo pontes entre comunidades. Em resumo, a amizade é uma parte essencial da experiência humana, proporcionando apoio emocional, crescimento pessoal e conexão com os outros. É uma força poderosa que enriquece nossas vidas e nos lembra da importância dos relacionamentos genuínos e significativos.

Aristóteles refletiu sobre a amizade de maneira orgânica e sistemática em sua obra *Ética a Nicômano*, afirmando que, “a amizade é o vínculo social por excelência, que mantém a unidade entre os cidadãos de uma mesma cidade, ou entre companheiros de um grupo, ou entre os membros de uma empresa” (Aristóteles, *Ética a Nicônio*, livro IX, cap. 9, 1170b, 6-7).

Para o Papa Francisco, a amizade social é um chamado para que todas as pessoas se vejam como irmãos e irmãs, compartilhando um

destino comum e trabalhando juntas para construir um mundo melhor para todos. É uma convocação a valorizar o direito à vida, o direito ao seu desenvolvimento integral, sobrepondo-se ao individualismo utilitarista, que fecha as pessoas à transcendência de si mesmas, que surge na interação social. (FT, n. 111).

## **Individualismo**

O individualismo pode impactar negativamente os relacionamentos sociais enfatizando a busca pelo sucesso pessoal e pela realização individual, às custas da conexão emocional e do apoio mútuo entre as pessoas. Isso pode levar a relacionamentos superficiais e falta de empatia com os outros.

Numa cultura individualista, as pessoas são incentivadas a competir umas com as outras em vez de colaborar e cooperar, criando uma atmosfera de desconfiança e rivalidade, prejudicando a capacidade de construir relacionamentos saudáveis e produtivos, levando as pessoas a priorizarem seus interesses pessoais em detrimento das necessidades da comunidade e do bem comum. Isso pode resultar em uma falta de responsabilidade social e na negligência das questões sociais e ambientais que afetam a todos.

Em uma sociedade individualista, as pessoas podem se sentir mais isoladas e solitárias, pois falta um senso de pertencimento e apoio social, tendo consequências negativas para a saúde. O individualismo pode contribuir para a perpetuação da desigualdade social, já que aqueles que têm mais recursos e privilégios podem se concentrar em seus próprios interesses em detrimento dos menos favorecidos, levando à exclusão social e ao enfraquecimento dos laços de solidariedade e coesão social.

Certamente, vivenciamos um paradoxo entre o desejo de ser diferente e particularizado e a massificação da moda do “igual”. Vivemos num mundo de influência existencialista e capitalista, onde a maioria dos programas de televisão defende a afirmação do indivíduo contra a força do grupo. Nessa estrutura econômica de consumo, que fortalece no indivíduo a ânsia por produtos personalizados, o homem é cada vez mais visto como indivíduo isolado. Essa ênfase na liberdade individual corrobora a construção do “Eu me amo e vivo meu eu”. Portanto, o sujeito perde a visão de interdependência social e crê-se inatingível. O perigo do individualismo está nessa construção da ilusão de independência, gerando o egoísmo e a insensibilidade (ALBUQUERQUE, 2024).

O papel crucial do individualismo no desenvolvimento da cultura ocidental destacou-se durante o renascimento, com o processo de individualização fortalecido pelo humanismo, onde o homem se colocou

como protagonista de suas próprias ações. Assim, essa transformação não apenas impactou o indivíduo, mas também reverberou na própria essência da cultura (ALBUQUERQUE, 2024). Diversas reflexões emergem a respeito dessa mudança, sendo a globalização um discurso central que influencia diretamente os processos culturais. Ela propicia o aumento dos choques interétnicos<sup>1</sup>, a ressignificação e até mesmo a autoafirmação das identidades culturais.

A questão do valor econômico, que desempenha um papel crucial no sistema capitalista, nos leva a considerar as mudanças pelas quais o indivíduo passa nos grupos sociais, nos quais o objeto de poder é frequentemente medido pelo aspecto financeiro, como “quanto eu ganho”. Quando o indivíduo enfrenta dificuldades para se adaptar às mudanças decorrentes desse processo de individualização, as consequências de uma “derrota” ou “vitória” dentro dos padrões individualistas tornam-se bastante complexas (ALBUQUERQUE, 2024).

Simmel destaca o valor do dinheiro na sociedade, que é moldada por relações de autonomia e independência pessoal. O dinheiro emerge como um mediador central dessas relações, sendo visto como um meio de relacionamento universal que confere ao indivíduo a mesma liberdade e identidade em qualquer lugar do mundo. O dinheiro proporciona ao indivíduo singular a oportunidade de satisfazer plenamente seus desejos, em uma proximidade repleta de tentações. Há a possibilidade de alcançar, quase instantaneamente, tudo o que é desejável (SIMMEL, 1998, p. 35).

Atualmente, a não conformidade com os padrões impostos pelo individualismo contribui para o surgimento de doenças que se manifestam a nível individual, como as doenças psíquicas. Crises de identidade, transtornos obsessivo-compulsivos, síndrome do pânico, ansiedade, depressão e outros são, sem dúvida, sintomas desse processo de individualização. Quando o indivíduo não consegue alcançar os padrões impostos pelo próprio individualismo, ele entra em conflito com sua própria essência individualista, o que pode desencadear esses distúrbios psíquicos.

Compreendemos que o homem não está disposto a se distanciar completamente de seu eu-coletivo, pois reconhece que sozinho não conseguiria sobreviver. No entanto, é crucial estabelecer conexões de modo a não perder suas características individuais. Assim, equilibrar essa dicotomia é essencial para uma jornada individualizada dentro de um contexto coletivista (ALBUQUERQUE, 2024).

Para isso, deve ser considerado o papel das relações sociais e da interdependência na formação da identidade individual e coletiva. Além

---

<sup>1</sup> Relativo às relações e trocas entre etnias diferentes

disso, podemos explorar como as influências culturais, históricas e econômicas moldam as percepções e comportamentos individuais em relação à comunidade. Também seria interessante examinar como diferentes sistemas políticos e filosofias sociais abordam essa dicotomia entre o eu e o coletivo, e como podem promover um equilíbrio saudável entre essas duas dimensões. Por fim, podemos investigar exemplos concretos de práticas sociais, políticas e econômicas que buscam promover tanto a autonomia individual quanto o bem-estar coletivo.

## Considerações finais

Como pudemos apurar até aqui, o ser humano é indiscutivelmente um produto das relações sociais, ao mesmo tempo em que ele é individual, é também coletivo. Desde o nascimento até a morte, estamos imersos em interações grupais que moldam quem somos. Essas interações ocorrem em diversos contextos, como família, vizinhança e ambiente de trabalho, e são influenciadas por padrões culturais que fornecem normas, crenças e valores.

A socialização, processo pelo qual nos integramos na sociedade, ocorre nesse contexto sócio-histórico, mediada pelos agentes socializadores, como família, escola e meios de comunicação em massa. À medida que nos socializamos e ampliamos nossas relações, assumimos novos papéis sociais e status que definem nossa posição na sociedade. A compreensão desses fenômenos sociais nos permite explicar nossa identidade social e entender por que somos como somos. Essa consciência de si mesmo, por sua vez, é desenvolvida por meio das relações sociais e dos papéis que desempenhamos. Portanto, reconhecer a influência das relações sociais, da cultura e dos agentes de socialização é fundamental para compreender a formação da identidade e a dinâmica da sociedade em que vivemos. Afinal, como o título dessa obra afirma, **o homem é um ser social**.

## REFERÊNCIAS

- AMADO, Joel Portela Dom; HANSEN, Jean Poul Pe; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. Campanha da fraternidade 2024. **Fraternidade e amizade social: “Vós sois todos irmãos e irmãs”**. Texto-Base. CNBB, 2023.
- ARISTOTE. **La politique**. Tradução de J. Tricot. Paris: Vrin, 1982.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Leonel Valandro e Gerd Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973.
- ARISTOTLE. **The works of Aristotle translated into English**. Ed. by W. D. Ross. Oxford: Clarendon Press, 1966.

AVIZ, Darlan Aurélio de. **Uma alma em dois corpos**: a amizade cristã como processo de humanização e manifestação do amor de Deus na Oração de São Gregório de Nazianzo. Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2017.

BÍBLIAS: Jerusalém (BJ) e Pastoral (NBP), Paulus; Ecumênica, Loyola.

BORTOLINI, José. **Pentateuco e história deuteronomista**. Aparecida: Santuário, 2018.

COSTA, M. C. C. Sociologia: **Introdução à ciência da sociedade**. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2010.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRANCISCO, Papa. **Fratelli Tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulus, 2020.

LANE, Silvia T. Maurer. **O que é psicologia social**. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. UFMG, Belo Horizonte, 1997.

MIRANDA, Ivanise Leite de. **Considerações sobre o indivíduo representativo**. Paidéia (Ribeirão Preto), Número: 5, Publicado: 1993

MYERS, David G. **Psicologia Social**. 6. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

PISANI, Elaine Maria. **Temas de psicologia social**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

RAMOS, Arthur. **Introdução à psicologia social**. 4. ed. Santa Catarina: UFSC, 2003.

RAMOS, Cesar Augusto. Aristóteles e o sentido político da comunidade ante o liberalismo. **Kriterion**, Belo Horizonte, Número 55, 2014.

SAVOIA, Mariângela Gentil. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SAWAIA, Bader (Org.). **As artimanhas da Exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. 6. ed. Petrópolis, 2006.

SIMMEL, Georg. **O Dinheiro na Cultura Moderna**. In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. Simmel e a Modernidade. Brasília: Editora UnB, 1998, pp. 23 a 40.

SIMMEL, Georg. **O Indivíduo e a Liberdade**. In: Jessé Souza e B. Oëlze, orgs. Simmel e a Modernidade. Brasília: UnB, 1998, pp. 109–117.

STREY, Marlene Neves (Org.). **Psicologia Social Contemporânea**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WOLFF, F. **Aristóteles e a política**. Tradução de Thereza Stummer e Lygia Watanabe. São Paulo: Discurso, 1999.

## SITES

ALBUQUERQUE, Rosângela Nieto de. **O perigo do individualismo na formação do sujeito: o que eu tenho a ver com isso?** Disponível em: <https://www.construirnoticias.com.br/o-perigo-do-individualismo-na-formacao-do-sujeito-o-que-eu-tenho-a-ver-com-isso/>. Acesso em 18 de março de 2024.

ESCOLA, Brasil. **“O que é Psicologia”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/psicologia/o-que-e-psicologia.htm>. Acesso em 03 de março de 2024.

GITARRARA, Paloma. **“Geografia econômica”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/geografia-economica.htm>. Acesso em 03 de março de 2024.

PORFÍRIO, Francisco. **“Antropologia”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/antropologia.htm>. Acesso em 03 de março de 2024.

PORFÍRIO, Francisco. **“Auguste Comte”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/auguste-comte.htm>. Acesso em 03 de março de 2024.

PORFÍRIO, Francisco. **“Para que serve a sociologia?”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/sociologia2.htm>. Acesso em 03 de março de 2024.

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. **“Biologia”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biologia>. Acesso em 03 de março de 2024.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. **“Filosofia”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia>. Acesso em 03 de março de 2024.

SOUSA, Rafaela. **“Educação”**; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao>. Acesso em 03 de março de 2024.

SZIDLOVSKI, Talita. **O que é neurociência e o que ela estuda?** Disponível em: <https://uniguacu.com.br/o-que-e-neurociencia-e-o-que-ela-estuda/>. Acesso em 17/03 2024.